RESENHAS

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

# MACKINDER: REPENSANDO A POLÍTICA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA

Rafael Duarte Villa
Universidade Federal do Paraná

Em 2004 fará um século que o geógrafo inglês Halford John Mackinder formulou, na Real Sociedade Geográfica de Londres, em uma conferência que leva por nome *The Geografic Pivot of History*, sua teoria geopolítica e estratégica do poder terrestre. Esse acontecimento não passa despercebido para o cientista político e especialista em relações internacionais e geopolítica Leonel Itaussu Almeida Mello, que recupera e recria a teoria do poder terrestre no seu livro *Quem tem medo da Geopolítica?*

A teoria do poder terrestre postula, na sua essência, que a concorrência pela hegemonia mundial, entre grandes potências (evidentemente), pode-se resumir a uma rivalidade histórica entre dois pólos antagônicos, o poder marítimo e o poder terrestre. Nessa linha de argumentação foi formulado mais recentemente por Zbigniew Brzezisnki que os Estados Unidos seriam os herdeiros históricos do poder marítimo da Grécia, da Espanha, de Portugal e da Inglaterra, enquanto a União Soviética o foi em relação a Esparta, à Rússia de Pedro, O Grande, e à Prússia de Bismarck (BRZEZINSKI, 1986). A "revolução copernicana" da teoria do poder terrestre para o autor de *Quem tem medo da Geopolítica?* consistiu "no papel estratégico atribuído à *Pivot Area* – região-pivô – na política de poder das grandes potências. O termo *Pivot Area* designava o grande núcleo do continente eurasiático e seus limites correspondiam, em linhas gerais, ao gigantesco território da Rússia" (p. 16). Em termos de estratégia mundial de poder, isso significava que caso o poder terrestre pudesse obter uma frente oceânica poderia ser capaz de desenvolver um poder anfíbio que lhe possibilitaria concorrer com o poder marítimo, simbolizado na época de Mackinder pela Inglaterra. No cerne da reflexão de Mackinder se encontraria a possibilidade de que o poder marítimo inglês viesse a ser suplantado pelo poder terrestre russo-alemão. Em outras palavras, a teoria do pensador inglês não deixa de ter, portanto, certo ar não só normativo quanto instrumental: deter o poder ameaçador aos súditos marítimos de sua majestade.

As hipóteses que tanto preocupavam o geógrafo inglês não se sustentaram. Como argumenta Raymond Aron (1986) em *Paz e guerra entre as Nações*, durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial houve, ao contrário do sustentado pela teoria do poder terrestre, a aliança de poderes terrestres e marítimos para vencer poderes de igual natureza geográfica. Ademais, o fim da Guerra Fria mostrou a vitória do poder marítimo americano sobre o poder terrestre soviético. Ou seja, bem feitas as contas, no decorrer do século 20 a teoria do poder terrestre não conheceu outra coisa senão sucessivas derrotas conceituais. Ou, parafraseando Marx (quando fazia alusão a Hegel), a teoria de Mackinder é "cachorro morto". A pergunta que surge é quase óbvia: o que pode levar a um pesquisador a ser interessar por obra uma obra que foi tão duramente "replicado pela história" no século XX? Segundo Itaussu Mello, a premissa que constitui o ponto de partida de seu livro "é a convicção intelectual de que Mackinder não é 'cachorro morto', [pelo que tenciona submeter] […] o pensamento mackinderiano ao crivo das recentes mudanças geopolíticas e estratégicas, bem como das voláteis relações internacionais que se desenvolvem no âmbito da nova ordem mundial" (p. 24).

Com esse objetivo em mente o autor estrutura a obra em quatro partes: na primeira, o aspecto que interessa ressaltar é um balanço da teoria do poder terrestre; na segunda, examinam-se os pontos de contato entre o pensamento geopolítico de Mackinder e a controvertida geopolítica alemã. Na terceira se indaga sobre a influência da obra de Mackinder sobre dois renomeados geoestrategas: os americanos Nicolas Spykman e Zbigniew Brzezinski. Finalmente, o autor realiza um balanço da obra de Mackinder à luz da nova ordem geoestratégica mundial. Por motivos óbvios, nosso comentário não seguirá necessariamente essa ordem, concentrando-se particularmente na primeira e na última parte, nas quais o autor expõe e comenta o núcleo fundamental da obra de Mackinder.

Quanto ao balanço do poder terrestre, o elemento mais inovador introduzido por Itaussu Mello é a idéia de que a teoria do poder terrestre não pode ser compreendida só como um compêndio de idéias geopolíticas. Subjacente à teoria em si se encontraria uma "concepção histórico-geográfica" que serviria como fio condutor do pensamento do geógrafo inglês. Parte dessa concepção está vinculada à idéia de que o mundo é um sistema político fechado. Mackinder percebeu, já no início do século, que a era colombiana da expansão européia havia chegado a seu fim e que a característica fundamental desse fato é que se havia gerado um sistema internacional fechado no qual os principais fatos da política e da economia mundial se ligavam e interagiam, independentemente da distância que os separasse. Poderíamos ver nessa idéia a possibilidade de que Mackinder, no início do século XX, já estivesse descrevendo o fenômeno que hoje, de maneira quase coloquial, chamamos de *globalização* ou *mundialização*? Para Mello não parece restar dúvida sobre isso: "o que é atualmente uma constatação de senso comum era, em 1904, uma formulação intelectual audaciosa, arrojada e revolucionária" (p. 31).

Formaria também parte desse materialismo histórico-geográfico de Mackinder um determinismo geográfico, que nos lembra bastante aquele de Montesquieu no século XVIII. As características do meio ambiente influenciam decisivamente as coletividades humanas e suas formas de organização, moldando seu "caráter nacional e desenvolvendo neles uma vocação predominantemente marítima ou continental" (p. 35). Essa última afirmação não é chave em Mackinder, porque mesmo que a idéia do determinismo geográfico forme parte da estrutura de seu organograma conceitual não é isso o que lhe interessa. Quiçá isso explique a ausência de um posicionamento mais crítico de Itaussu Mello frente ao determinismo mackinderiano. Na verdade, a formulação do determinismo geográfico parece ser funcional ao sistema de Mackinder só enquanto serve de passagem para o terceiro pressuposto importante de sua teoria: a história da política mundial como um confronto entre oceanismo e continentalismo e a projeção desse conflito. "A tese por ele defendida era a de que o poder terrestre poderia conquistar as bases do poder marítimo, caso conseguisse adicionar à sua retaguarda continental uma frente oceânica que lhe possibilitasse tornar-se um poder anfíbio, simultaneamente terrestre e marítimo [...]" (p. 39).

Reconstruído o ambiente conceitual da teoria de Mackinder, a estratégia metodológica de Itaussu Mello aparece mais claramente circunscrita. Não quer o autor de *Quem tem medo da geopolítica?* discutir a teoria de Mackinder como na tradição dos velhos manuais de geopolítica, que a tratavam como uma simples fórmula de estratégia sem coordenadas conceituais para viabilizar seu percurso operacional nos cenários da política internacional. Ancorada nessas três coordenadas conceituais teóricas (o sistema global fechado, o determinismo geográfico e o confronto entre oceanismo e continentalismo ) é que aparece formulado a teoria do *Heartland*. "A noção *Heartland* que pode ser entendida como área-pivô, região-eixo, terra central ou coração continental – é o conceito-chave que constitui a pedra de toque da teoria do poder terrestre [...]. Tal conceito foi cunhado por Mackinder para designar o núcleo basilar da grande massa eurasiática que coincidia geopoliticamente com as fronteiras russas do início do século" (p. 45). A preocupação do pensador inglês, entretanto, não era tanto com o aspecto descritivo do conceito. Seu objetivo consistia em poder alertar para as elites políticas ocidentais, sobretudo as inglesas, o fato da privilegiada posição geoestratégica de quem dominasse essa imensa massa terrestre. Visto que no início do século a maior parte dessa massa estava dominada pela Rússia, Mackinder se preocupava com a possibilidade de que uma aliança russa-alemã pudesse desequilibrar a balança de poder no velho continente, mecanismo esse que havia garantido a governabilidade internacional desde o início do século XIX. Mackinder sintetizou seu temor na conhecida fórmula: "Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*[1]; quem domina a *World Island* controla o mundo".

Replicado pelos fatos históricos, como adiantamos, e em pleno desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, Mackinder realizaria um balanço de sua teoria do poder terrestre no ano de 1943 no artigo "The round world and the winning of the peace", que Itaussu Mello considera seu testamento intelectual. Complementando a teoria do *Heartland*, Mackinder acrescenta a ela um novo conceito: o *Midland Ocean*. "[…] Sem entrar nos pormenores dessa noção, permitam-me apresentá-la em seus três elementos: uma cabeça de ponte, na França, um aeródromo protegido por fossos (os mares e canais circundantes), na Inglaterra, e uma reserva de forças

[1] A *World Island* é outro conceito mackinderiano, que rejeita a idéia tradicional de que possam existir quatro oceanos e seis continentes. Segundo a idéia de Mackinder, existia na verdade só um grande oceano, cujas águas recobririam três quartos da totalidade do globo. A isso o geógrafo inglês chamou de *World Island* (Ilha Mundial).

bem adestradas e de recursos agrícolas e industriais, no leste dos Estados Unidos e Canadá […]" (*apud* MELLO, 1999, p. 66). Geograficamente, o conceito abarcaria toda "a bacia do Atlântico Norte", ou, dito de outra maneira, abarcava as potências representantes do poder marítimo ocidental.

Se um dos tipos-ideais mackinderianos está próximo ou é adequado à realidade, sem lugar a dúvida esse seria o conceito de *Midland Ocean*. O desembarque das forças aliadas ocidentais na Normandia, no ano de 1944, reproduziu quase que literalmente as projeções estratégicas contidas no conceito: "arregimentação de recursos materiais e humanos nos Estados Unidos/Canadá, concentração deles na Inglaterra e, finalmente, seu desembarque na França [...]" (p. 68). De igual maneira, o objetivo normativo da teoria de Mackinder parece ter sido atingido plenamente: o desembarque na Normandia permitiu que se neutralizasse, até onde foi possível fazê-lo, o avanço das forças soviéticas sobre todos os territórios da Europa central. Como ensina Weber, sempre é possível especular historicamente, ao menos de maneira problemática, o que nos permite levantar a questão: o domínio dessa região pelos soviéticos não teria levado à concretização da fórmula mackinderiana da teoria do *Heartland*?

De tal maneira que a teoria de Mackinder não conheceu só as "duras réplicas da história" conforme o severo balanço que nos apresenta Aron. Sem ser profeta, mas recorrendo às regularidades que as relações entre história, geografia e política permitem, o geógrafo inglês foi também capaz de prever o cenário conflitivo do segundo pós-guerra: em 1943, Mackinder previu uma reedição moderna do histórico conflito entre oceanismo e continentalismo. Só que, agora, sua análise ganhava rigorosa força metodológica, uma vez que já não se descrevia esse conflito a partir de vagos termos como oceanismo e continentalismo, senão a partir de duas categorias (*Heartland* e *Midland Ocean*) que englobavam contendentes bem delimitados política e geograficamente.

O livro de Mello não se detém a explorar só o pensamento de Mackinder na política mundial enquanto processo. O autor também dedica boa parte de sua análise a estabelecer a influência e conexões entre o pensamento de estrategas como o alemão Haussoffer e os americanos Nicolas Spykman e Zbigniew Brzezisnki. O mérito do autor é mostrar que as idéias de Mackinder não se limitavam só à análise dos macro-processos da política mundial como também apresentar a influência de seu pensamento em alguns de seus contemporâneos (como os dois primeiros), ao mesmo tempo que sugere não só uma conexão mas também uma certa herança do pensamento mackinderiano quando examinada a produção de Brzezinski na área da estratégia mundial.

Embora seja rigorosa a análise que Mello faz dos vínculos entre Mackinder e esses outros três pensadores, a resposta sobre a questão da atualidade do pensamento de Mackinder permanece sem resposta durante uma boa parte da obra, a não ser por algumas hipóteses levantadas no primeiro capítulo.

No entanto, não decepciona o autor de *Quem tem medo da geopolítica?* Mello consegue sistematizar e mostrar criticamente, num balanço final, a transcendência e o poder analítico da obra de Mackinder. O primeiro aspecto que Mello resgata da análise da obra de Mackinder é o mérito deste em ter avistado, já no início do século XX, o fato de que as relações entre Estados deixava de ser um fato local. Tal como Marx havia notado em relação ao sistema econômico capitalista, Mackinder também notava o surgimento de um sistema global fechado, isto é, um sistema de relações de poder mundial interconectadas. Dada a época em que foi formulada essa idéia, esse fato já constituiria uma contribuição importante, "época em que o sistema internacional era ainda predominantemente, regional e eurocêntrico" (p. 214). Certamente essa constatação faz justiça a Mackinder por dois motivos: primeiro, porque Mackinder não formulou essa categoria de sistema global fechado de uma maneira genérica senão como resultado de uma exaustiva pesquisa histórica, o que o levou a concluir que esse processo era o resultado mais contundente do final da era da exploração européia colombiana. Segundo, porque hoje, quando se fala em globalização, dá-se um destaque especial para o papel da tecnologia nesse processo. Itaussu Mello constata que a análise dessa condição da globalização já estava também presente no pensamento de Mackinder: "[...] As últimas décadas do século [XIX] foram marcadas pelo advento das novas tecnologias que potencializaram o sistema de transporte terrestre: a invenção da locomotiva e a construção das ferrovias" (p. 50).

Menos atinado foi Mackinder quando previu, no que se deve reconhecer novamente como um certo determinismo, que a invenção da locomotiva e a construção de imensas ferrovias intercontinentais poderiam significar não só o fim da era colombiana como o começo da afirmação do poder terrestre. Resulta pouco compreensível essa hipótese se levarmos em conta que os Estados hegemônicos ou aspirantes a sê-lo agem com um mínimo de racionalidade, o que significa que de um outro modo as potências oceânicas do *Midland*

*Ocean* também tentariam se aproveitar dessa tecnologias ou no mínimo tentariam neutralizar seu uso em relação aos Estados do *Heartland*. De qualquer maneira, interessa ressaltar que fora essas considerações, o mérito de Mackinder é ter caracterizado, quando ainda era um processo embrionário, um dos fenômeno (a globalização) que, junto com o fim da Guerra Fria, mais impacto vem tendo tanto na nova geografia do poder mundial quanto na determinação do *who's who* nessa paisagem.

Um segundo aspecto no qual Mello reivindica a vigência do pensamento de Mackinder diz respeito à leitura que se pode fazer de rivalidades geopolíticas tradicionais como a anglo-francesa, a anglo-russa, a anglo-germânica e, mais recentemente, a americano-soviética. Não existe dúvida para o autor de que esses conflitos históricos não se poderiam compreender sem levar em conta o secular confronto entre o poder marítimo e o poder terrestre. Dessa maneira, a compreensão das causas das duas guerras mundiais do século XX passaria pelo crivo do materialismo histórico mackinderiano. Entretanto, o autor de *Quem tem medo da geopolítica?* não esclarece suficientemente se a oposição entre oceanismo e continentalismo se erige numa explicação de *ultima ratio* ou se essa antinomia se estabelece como um princípio explicativo absoluto. Em outras palavras, como é que são processados e qual é o lugar, como causa, dos conflitos de tipo ideológico, econômico, cultural e diplomático no quadro desses confrontos? Certamente, essa é uma pergunta que poderia ser mais dirigida para a obra de Mackinder, mas é necessário ser levantada aqui porque o livro de Itaussu Mello também não apresenta uma resposta satisfatória.

Quanto à nova geografia do poder mundial uma tendência que é destacada com grande pertinência no livro refere-se ao papel de potências regionais como a Rússia e China e a Alemanha no atual quadro estratégico mundial, e o vínculo normativo com os conceitos de Mackinder. Pertence a Mackinder a idéia de que para a manutenção da hegemonia ocidental é necessário que não se consolidem potências hegemônicas em nenhum dos dois extremos da Eurásia (nem na Europa nem no Extremo Oriente), prevalecendo um equilíbrio de poder entre aquelas três potências regionais históricas dessa imensa porção geográfica "Nesse novo contexto, os Estados Unidos procuram favorecer a consolidação de uma Rússia forte e coesa – despida das antigas tendências expansionistas grão-russas –, que possa equilibrar a Alemanha e a China nas duas pontas da Eurásia" (p. 215). A supremacia americana no mundo dependeria, portanto, de não errar na movimentação das peças nesse tabuleiro geoestratégico. Ora, uma questão que surge é esta: é sabida a secular vocação expansionista dos eslavos desde os tempos de Pedro, o Grande, e Ivan, o Terrível. Por quanto tempo os Estados Unidos poderão assegurar a não-ocorrência de um novo surto expansionista russo? Pense-se na crise econômica e moral que atravessam os russos: é mais fácil pensar que *o grande urso* russo está em um período de hibernação forçada mas que pode acordar a qualquer momento. Certamente Itaussu Mello reconhece que seria um sério erro para qualquer analista da política internacional considerar a Rússia como "cachorro morto". "Depois da derrota, o machucado urso russo recolheu-se ao recesso do *Heartland* para hibernar, lamber suas feridas e recompor suas forças. Napoleão afirmou que a geografia do Estado governa sua política [...]. Se for válida a asserção napoleônica, o urso russo voltará novamente a afiar suas garras, como parecem prenunciar os eventos da Chechênia" (p. 220-221).

Coerente com essa idéia, poderíamos sugerir que já existem sinais evidentes de que o urso russo está acordando: uma mostra disso é a recente, e extremamente bem-sucedida, segunda guerra da Chechênia. Adicionalmente, no segundo semestre de 1999 foi feito um pacto político entre a Rússia e a China (e entre outros Estados menores da Ásia Central) pelo qual se rejeita a idéia americana de uma hegemonia unipolar (evidentemente através da fórmula da *Pax americanna*) e no qual se advoga por um mundo multipolar. Dito de outra maneira, a existência de uma situação interna complicada e difícil não faz esquecer aos estrategas russos sua tradição e seus objetivos externos históricos.

No tocante à vigência do sistema conceitual de Mackinder, várias das categorias elaboradas pelo geógrafo inglês são resgatadas como tendo plena vigência no atual quadro de hegemonia americana unimultipolar[2]. Mas especial atenção é dada por Itaussu Mello à vigência do conceito de *Midland Ocean*. "O fato é que, mesmo depois da desagregação do bloco socialista, da desativação do Pacto de Varsóvia, e da desintegração do império continental eurasiano, o Atlântico Norte permanece ainda como o eixo estratégico do império

[2] Quadro unimultipolar significa a existência de uma única superpotência de poderes globais múltiplos (no caso os Estados Unidos) coexistindo com várias potências regionais que se destacam em alguma dimensão do poder mundial, como a econômica ou a militar, como são os casos, respectivamente, do Japão e da Rússia.

oceânico do Ocidente". Ora, esse conceito foi pensado para um quadro de antagonismos que tinha como principais atores um eixo de Estados que se localizava no espaço americano e euro-asiático. Com o fim da Guerra Fria e fundamentalmente com a emergência do poderio econômico japonês e dos tigres asiáticos e a projeção da China vir a ser, em algumas décadas, uma superpotência, levantaram-se hipóteses de que o centro do poder mundial se deslocaria do Atlântico para o Pacífico. Nessa hipótese, continuaria o *Midland Ocean* mantendo sua eficácia prática? Para Itaussu Mello não existe nenhuma dúvida de que tal conceito em pouco alteraria sua normatividade para confirmar essa hipótese: "[...] Caso o eixo econômico mundial venha a se deslocar do Atlântico para o Pacífico no próximo século [o XXI], o conceito de *Midland Ocean* poderá conservar sua atualidade, se for pensado como uma retaguarda na costa oeste norte-americana, de um aeródromo japonês e de uma cabeça-de-ponte sul-coreana [...]" (p. 216).

Quer dizer, de acordo com essa *neoformula* mackinderiana, o que cederia seria o caráter descritivo do conceito, porém não seu conteúdo normativo. Evidentemente, Mello não descuida de anotar o papel de destaque que nesse cenário teria a China. Aliás, o autor é tentado a sugerir que com o deslocamento de poder mundial para o Pacífico o pólo do confronto deixa de ser recolhido unicamente pela metáfora que opunha a baleia americana (em referência ao oceanismo) ao urso russo (em referência ao continentalismo), para ser melhor apreendido pela metáfora do confronto entre a baleia americana, o urso russo e o dragão chinês. "Nesse cenário [também previsto por Mackinder], a China seria simultaneamente poder continental e oceânico, posição que a Rússia, enclausurada em seu isolamento mediterrâneo, jamais chegou a atingir" (p. 222).

Enfim, para o autor de *Quem tem medo da geopolítica?*, "ao contrário do que pensavam certos partidários do idealismo wilsoniano ou do que supunham alguns autodenominados 'científicos' –, Mackinder não é 'cachorro morto'. O núcleo duro da teoria do geógrafo britânico continua sendo uma poderosa ferramenta para a análise realista da política de poder do seleto grupo das grandes potências que controlam o tabuleiro geopolítico mundial" (p. 216-217).

*Quem tem medo da Geopolítica?* é certamente uma obra escrita por um realista, que trata de um tema e de um pensador realista. É uma obra corajosa que não receia abordar questões relevantes de uma ciência, a Geopolítica, apesar dos enormes preconceitos históricos que pesam sobre ela desde os anos 30. É um livro polêmico: mas que contribuição importante de um realista não o seria? Sobretudo, é um ensaio e uma leitura sistemática e profunda da política internacional contemporânea à luz dos conceitos mackinderianos.

*Recebido para publicação em 14 de junho de 2000.*

Rafael Duarte Villa (rafaduvi@coruja.humanas.ufpr.br) é Doutor em Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ARON**, R. 1986. *Paz e guerra entre as nações*. 2ª ed. Brasília : Ed. Unb.

**BRZEZINSKI**, Z. 1986. *EUA, URSS.* O grande desafio. Rio de Janeiro : Nórdica.

* * *